

A sociedade está cansada de embuste

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS
General de Divisão da reserva

Vivíamos o ano de 1990. Encontrava-me no Rio de Janeiro realizando o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Esao). Jovem capitão do Exército, muitos sonhos ainda a serem conquistados na carreira, com dois filhos pequenos, morava na Vila Militar no bairro de Deodoro e estudava próximo do Próprio Nacional Residencial (PNR). Salário no limite, o plano Collor havia naufragado em muito pouco tempo e, para desespero da família, o escasso dinheiro reservado na poupança para despesas emergenciais foi tungado pela política econômica desastrosa do presidente eleito, "o caçador de marajás".

A desestruturação política e organizacional do Executivo, somada à inflação resistente, herança da década de 1980, cobrava elevado preço da população. O panorama nacional era, portanto, de desesperança. O programa de governo tinha apenas uma perna, a econômica, e não decolará.

Escolhas de governos passados — algumas de fato sustentadas —, por egoísmo político, foram deixados pelo caminho, trocadas por soluções mirabolantes, apresentadas como panaceia, e tentadas a cada semana. Tinham apenas o intuito de amenizar o impacto da opinião pública já farta de tanto embuste.

No comércio, pelo enxugamento monetário, faltavam muitos itens básicos. Negócios foram cancelados e projetos familiares abortados. Lembro-me de que um dos produtos que deixou de ser fornecido regularmente foi o álcool combustível para automóveis.

Estimulado pelo Proálcool, uma tentativa do governo militar de substituir a gasolina importada muito cara, em razão dos choques de petróleo, a maioria dos carros saía de fábrica apenas com motor de combustão a etanol.

As filas eram gigantescas nos postos. Tinha gente que dormia no carro esperando o caminhão tanque trazer o precioso líquido para depositar nos reservatórios subterrâneos, que logo esvaziavam, aguardando nova chegada. Homens em tempos sombrios, parafraseando uma obra de Hannah Arendt, nos custaram ainda quatro anos de desencontros até que o Plano Real fosse imaginado e colocado em prática, obtendo o sucesso de estabilizar a curva inflacionária costumeira em nosso país.

Passado mais de um quarto de século, no qual percorremos uma trilha econômica, política, militar e social das mais difíceis, a resultante do somatório de êxitos e fracassos parecia ter sinais positivos. Infelizmente, encontramo-nos novamente diante de uma encruzilhada divisoria. Os caminhos podem nos levar a conflitos

A defesa da escola é parte fundamental da defesa da democracia

» PAULO ROCHA
Líder do PT no Senado

Ao longo da história, a escola deixou de ser apenas um lugar constituído como espécie de linha auxiliar da produção, liberando trabalhadores e trabalhadoras para jornadas de trabalho muitas vezes exaustivas, e passou a ser um locus privilegiado da construção coletiva do conhecimento, da socialização, do preparo para o exercício da cidadania, da qualificação para o mundo do trabalho, da desconstrução de preconceitos e variações das formas de opressão.

No Brasil, a luta em defesa de uma escola pública e de qualidade tem longa trajetória de conquistas, mas também de obstáculos impostos pelas elites econômicas, sabedoras de que o acesso a uma educação de qualidade é o primeiro passo para a construção da igualdade de oportunidades e para a emancipação política das classes trabalhadoras.

As mesmas elites que impedem o necessário financiamento da educação pública encastelam suas crianças e adolescentes em escolas privadas de elevado padrão, para que no futuro possam ocupar os melhores espaços no mercado de trabalho e no serviço público. Até pouco tempo atrás, eram estudantes de escolas com alto nível de educação que ocupavam a maioria das vagas das universidades públicas, reconhecidas como instituições de excelência, mas a Lei de Cotas (2012) veio para corrigir essa injustiça.

Ocorre que a crise do capitalismo e a emersão de forças políticas de extrema direita em diversos recantos do planeta estão nos impondo lutas

que julgávamos superadas, em especial nos países em que a extrema direita conquistou o governo nacional, como no Brasil. Recordemos a luta que travamos contra o negacionismo científico na ainda vigente pandemia da covid-19. A luta que enfrentamos em defesa do distanciamento social e da vacinação. O resultado do negacionismo são mais de 666 mil vidas perdidas somente em nosso país.

Agora, estamos enfrentando outro tipo de negacionismo, propagado por um pequeno número de famílias da elite brasileira: o negacionismo da escola, da socialização, da alteridade, da convivência com a diversidade. Uma parcela ainda diminuta da elite brasileira está insatisfeita com o encastelamento de suas crianças e adolescentes em escolas privadas de elevado padrão e reivindica o direito de encastelar os filhos em suas casas, de educar os filhos de acordo com a própria ideologia e convicções, em detrimento do direito de crianças e adolescentes à educação escolar.

O governo Bolsonaro, com sua propensão ao negacionismo e seu descompromisso com as metas e estratégias do Plano Nacional de Educação, abraçou a causa do ensino doméstico e está explorando o aluguel do Centro via orçamento secreto para fazer a pauta avançar no Congresso Nacional. Enfrentará, no entanto, uma vigorosa resistência no Senado Federal.

No julgamento do Recurso Extraordinário (RE) 888.815, o Supremo Tribunal Federal (STF) fixou uma tese majoritária, de que o ensino

doméstico é passível de regulamentação no plano infraconstitucional. Em seu voto divergente, no entanto, o ministro Luiz Fux ressaltou que "a obrigatoriedade de os pais matricularem os filhos em idade escolar em instituições de ensino encontra amparo na literalidade do texto constitucional, desde 1934", citando, por exemplo, o § 3º do art. 208 da Constituição Federal. O ministro Ricardo Lewandowski, em sintonia com Fux, verbalizou que "a alienação do indivíduo da sociedade, sobretudo daquilo que ela tem de comum a todos os seus membros, como demonstra a história, constitui uma ameaça ao progresso da coletividade e até mesmo à liberdade individual".

A bancada do PT no Senado ocupará, como sempre o faz em processos que buscam desconstituir os direitos sociais, a trincheira da resistência democrática, entendendo que a defesa da escola é parte fundamental da defesa da democracia.

Vamos lutar contra toda e qualquer tentativa de promover a desescolarização de crianças e adolescentes, que são os titulares do direito fundamental à educação e não cobaias de experiências alienadoras. Vamos fazer a defesa intransigente dos professores como mediadores do conhecimento organizado em currículos, e da formação específica necessária ao exercício da docência. Vamos continuar nossa luta em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade social, da creche à pós-graduação, com ampliação gradativa do acesso rumo à universalização.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circe.cunha.dj@dabr.com.br

Vampiros e sanguessugas

Veneno, para uns, e remédio para outros. O fato é que a empresa nacional de derivados de combustíveis, Petrobras, tem sido, dentro do modelo paquidérmico de estatismo, um tóxico, para alguns governos, e um bálsamo para outros, principalmente para o pessoal de esquerda, que enxerga no Estado empresarial, o figurino ideal para a implementação de um populismo charlatão, que é feito com uma das mãos e retirada com outra. Quem acompanhou a performance dos governos petistas em relação à Petrobras, o que culminou no Petrolão — note-se, o maior escândalo de corrupção ocorrido no planeta —, por certo, entendeu as razões que levam essa gente a defender, "patrioticamente", essa e outras estatais, sob o pretexto de que são empresas necessárias para o "desenvolvimento" do país.

Não fosse pela possibilidade de vir a obter fabulosos ganhos diretos e indiretos com a manipulação das estatais e fosse o Brasil um Estado blindado contra as investidas interessadas e corruptas dos partidos, é certo que haveriam poucos candidatos disputando as eleições de outubro próximo. O que temos são candidatos de olho no maná propiciado pelo Estado empresarial, sendo que esse modelo, pelos seus efeitos deletérios e de longo prazo sobre a população, demonstrou, de sobra, que estamos diante de um tipo muito peculiar de economia, feita para o enriquecimento de grupos muito específicos em detrimento da população.

Por serem avalizadas pela nação, a petrolifera e outras estatais jamais conhecem o regime de falência ou bancarrota, ficando os passivos gerados por elas ao encargo da sociedade. Do mesmo modo, os possíveis bônus jamais são divididos com a população, sendo restritos aos dirigentes e acionistas. A indexação ao dólar dos preços dos produtos dessas estatais foi a fórmula encontrada para impedir que a sociedade de participasse dos lucros dessas empresas.

Somados os 28,7% que a União detém em ações da Petrobras com outros 7,9%, pertencentes ao BNDES, chega-se a 36,6% ou algo em torno de R\$ 4,7 bilhões em ações dessa empresa, que poderiam muito bem serem vendidas na Bolsa, livrando o Estado de ser acionista majoritário dentro de uma empresa em que ele, não apenas não manda de fato e age em nome da nação, como é, frequentemente, confrontado pelas regras draconianas de um mercado oligopolizado por cartéis e dominado por verdadeiras máfias do petróleo.

O que caberia ao governo é regular, de modo muito criterioso, toda a cadeia de produção dos combustíveis, terminando a construção de refinarias como Abreu e Lima e outras em Campos, vendendo-as à iniciativa privada, cobrando e taxando todo esse ciclo, para o Tesouro Nacional, com base nos mesmos indicadores que transformaram esses produtos em commodities com seus valores vertidos em dólar.

Fosse possível vender essas e outras estatais antes de um possível retorno dos petistas ao poder, não seria de todo uma surpresa se as esquerdas viessem a repensar as eleições, desistindo do pleito, por falta de incentivo ou desânimo. Fechando-se a porteira da grande fazenda Brasil às sanhas dos políticos e de suas legendas de aluguel, poucos se arriscariam a disputar o governo e os cargos públicos, uma vez que as tetas enormes do Estado, outrora tão fartas em leite e mel, estariam secas e murchas, impossíveis de serem mamadas pelas hordas de vampiros e outros sanguessugas.

» A frase que foi pronunciada

"Muitas vezes se esquece que o dom da fala, tão centralmente empregado, foi elaborado tanto com o propósito de ocultar o pensamento pela dissimulação e mentira quanto para elucidar e comunicar o pensamento."

Wilfred Bion

Resgate

» Rádio MEC e Rádio Nacional fazem um resgate das experiências do padre Roberto Landell de Moura, mais um cientista brasileiro brilhante com pouco apoio do Brasil. Aconteceu em 1899 a primeira transmissão de rádio no país feita graças aos estudos do padre brasileiro.

Boa

» Positiva a mobilização do Detran, Polícia Militar e DER protegendo os motoristas e familiares que não bebem. Foram mais de 256 motoristas flagrados pela embriaguez no volante, que poderiam ter causado acidentes fatais.

Até tu?

» Questionável a posição da Unicef em relação à educação domiciliar. Os pais têm direito de escolher de que forma os filhos serão instruídos e educados. Está tudo previsto na nova lei. As exigências de formação do responsável seja ele o pai ou a mãe, a criança será matriculada na escola e fará os mesmos testes que os alunos presenciais farão. Não há razão de contestar o progresso dessa educação engessada há centenas de anos.

» História de Brasília

Mas é sempre: assim: o governo cala, os distribuidores se escondem, e o povo paga.
(Publicada em 1º/3/1962)



institucionais e ao agravamento da condução da coisa pública. A pandemia do coronavírus e a guerra Rússia-Ucrânia são outros fatores complicadores para dar um norte a nossa bússola como sociedade. A gestão do atual Executivo busca soluções do Google para problemas complexos e se aconselha nas mensagens do WhatsApp para enfrentamento das crises.

Com a corrida eleitoral tão renhida, é compreensível que o detentor do poder, e candidato a outra ronda, tenha ânsia de acalmar a população. Afinal, o voto de cada cidadão definirá a sua sobrevivência na política e proteção no ambiente pessoal. Não se pode, todavia, aceitar que os amadornismos das decisões e os voluntarismos desorganizados nos empurrem para um

confronto social de dimensões não quantificáveis pela população.

A propósito, uma passagem àquela época me marcou vivamente. Quando me encontrava na fila do posto em Marechal Hermes, em um sábado ensolarado, aguardando há um bom tempo abastecer com etanol o meu velho Voyage cinza, um carro passou em alta velocidade e alguém gritou desdenhando dos famélicos por combustível: — Otários! Vocês acreditaram... Se tivermos, sociedade, que enfrentar outras filas de desabastecimento, não será por falta de avisos. Um carro de som vem passando diariamente em nossas ruas e nos informando da triste possibilidade.

Paz e bem!